

RESULTADOS DA PRIMEIRA CAMPANHA DE ESCAVAÇÃO NA ANTA DOS CURRAIS DO GALHORDAS (CASTELO DE VIDE – CENTRO LESTE DE PORTUGAL) – BREVE SÍNTESE

RESULTS OF THE FIRST SEASON OF EXCAVATION AT ANTA DOS CURRAIS DO GALHORDAS
(CASTELO DE VIDE – CENTRAL EASTERN PORTUGAL) – AN OVERVIEW

*Sérgio Monteiro-Rodrigues**

Resumo

A Anta dos Currais do Galhordas é um monumento megalítico composto por câmara poligonal, corredor e mamoa. A primeira campanha de escavação permitiu identificar vários aspectos relacionados com a sua arquitectura; permitiu igualmente a recolha de diversos artefactos, nomeadamente em pedra lascada (raros) e em pedra polida, placas de xisto (uma lisa e uma gravada) e vasos cerâmicos. No âmbito do estudo destes últimos procedeu-se à análise do conteúdo de três recipientes através de cromatografia gasosa com detecção por massa.

Alguns dos recipientes cerâmicos exumados relacionam a anta com uma cronologia que deverá estar próxima da transição do IV para o III milénio cal. BC. Não se exclui, no entanto, a possibilidade da sua construção ser anterior a esta fase, o que terá de ser verificado através de datações absolutas pelo radiocarbono. Outros recipientes sugerem reutilizações mais tardias (Idade do Bronze).

Palavras-chave: Anta dos Currais do Galhordas, Megalitismo, Alto Alentejo.

Abstract

Anta dos Currais do Galhordas is a megalithic passage tomb complete with mound and a chamber of polygonal plan. The first season of excavation has identified several of the building techniques that were employed in its construction; and recovered associated artefacts such as flaked (rare) and polished stone-tools, engraved and non-engraved slate plaques, and pottery. Three vessels have been sent for content analysis by gas chromatography coupled to mass spectrometry. Absolute dating is not yet available, but some of the pottery suggests that the monument was built between the end of the 4th millennium cal. BC and the beginning of the 3rd millennium cal. BC. However, an earlier chronology is also accepted. Other vases document more recent burials (Bronze age).

Keywords: Anta dos Currais do Galhordas, Megalithism, Alto Alentejo.

* Universidade do Porto. Faculdade de Letras – DCTP. Centro de Estudos de Arqueologia, Arte e Ciências do Património. Investigador no projecto ATLANTMIDDENS (HAR2011-29907-C03-01), III PC, Universidad de Cantabria, Espanha. sergiomonteiorodrigues@gmail.com

0. INTRODUÇÃO

Os monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide são bem conhecidos desde há muito, não só pela sua abundância, como também pelas características arquitectónicas e importância do respectivo espólio. O seu estudo tem contribuído de forma decisiva para a compreensão do fenómeno tumular megalítico, não apenas do Alto Alentejo, como da Península Ibérica em geral (p.e. ANDRADE 2009; BUENO RAMÍREZ *et al.* 2006, 2008a, 2010, 2012; OLIVEIRA 1997, 2000; OLIVEIRA *et al.* 2010; PARREIRA 1996).

No que concerne especificamente à Anta dos Currais do Galhordas – localizada no lugar da Tapada do Souto, freguesia de S. João Baptista, concelho de Castelo de Vide, distrito de Portalegre –, a sua descoberta, efectuada por elementos da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide, ocorreu em 1993, ano em que foram obtidas informações orais que revelaram a sua existência. Em 2010, o autor deste texto¹ foi convidado por aquela autarquia para proceder à sua escavação no âmbito de um projecto de valorização turística, cultural e ambiental da área envolvente da albufeira da barragem de Póvoa e Meadas. Deste modo, os trabalhos que têm vindo a ser realizados visam, em última instância, o restauro do monumento megalítico, para além, naturalmente, do seu estudo científico (MONTEIRO-RODRIGUES 2013).

A primeira campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas decorreu em Setembro de 2011. Os principais objectivos da intervenção consistiram em (1) determinar a morfologia da câmara funerária e a orientação do corredor, (2) aferir a extensão da mamoa (pelo menos num dos quadrantes do monumento), (3) procurar identificar aspectos relacionados com as técnicas de construção, (4) caracterizar o espólio associado e (5) estudar eventual paleossolo que se tivesse conservado sob a mamoa (o que não se verificou).

1. PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

1.1. A câmara funerária

A Anta dos Currais do Galhordas apresenta câmara poligonal definida por sete esteios, encontrando-se dois deles fracturados sensivelmente a um terço da altura total (Fig. 1). O esteio mais alto, que não coincide com o de cabeceira, atinge cerca de 2,80 m, e a área da câmara deverá rondar os 4 m² ao nível da base. A laje de cobertura encontra-se tombada e encostada ao monumento no lado sul (Fig. 2).

Aquando do início da escavação verificou-se que o interior da câmara continha uma espessa camada de blocos de granito, possivelmente retirados da mamoa na sequência de trabalhos agrícolas, realizados já em época histórica. Entre a base desta camada e o *bed-rock* identificou-se um nível arqueológico preservado do qual se exumaram duas placas de “xisto”, uma gravada e outra lisa, bem como diversos recipientes cerâmicos pré-históricos.

No que toca aos aspectos construtivos da câmara funerária, foi possível verificar que os respectivos esteios foram assentes em alvéolos pouco profundos, escavados na superfície alterada do substrato geológico. No exterior da câmara identificou-se uma sucessão de pedras e sedimento areno-siltoso, que parece corresponder ao contraforte da estrutura megalítica (Fig. 2).

1.2. O corredor

O corredor da Anta dos Currais do Galhordas é longo, ligeiramente desviado (para norte) em relação ao eixo de simetria do monumento (ANDRADE 2009; LEISNER e LEISNER 1951; OLIVEIRA 1997) e, tal como acontece na maior parte das antas da região, está orientado a nascente (OLIVEIRA 1997) (Figs. 1 e 2). A sua extensão

¹ Este texto coincide, genericamente, com o do poster apresentado na *II Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história*, que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos dias 10, 11 e 12 de Novembro de 2011. Por razões editoriais, uma outra versão, mais desenvolvida, foi entretanto publicada nos *Estudos do Quaternário* (MONTEIRO-RODRIGUES 2013).

máxima não pôde ainda ser aferida com rigor dada a existência de um grande carvalho no seu interior, mas calcula-se que terá entre 4 e 5 metros de comprimento.

O referido desvio do corredor permitiu que na área em que este adossa à câmara se criasse uma espécie de “vestíbulo”, que impede o acesso directo ao espaço funerário principal (Fig. 2). Nesta mesma área foi colocada, ao nível do solo, uma laje de tipo “soleira”, que demarca o espaço de passagem entre o corredor e a câmara.

Tal como na câmara funerária também o corredor se encontrava colmatado por grandes blocos de granito. Sob estes blocos identificou-se uma laje de cobertura do corredor que, do ponto de vista estratigráfico, estabelece o início do nível arqueológico *in situ*. Por baixo da laje, e provavelmente em consequência do seu abatimento, preservou-se um conjunto de vasos que deverá corresponder a uma deposição primária, que possivelmente documenta a “última” utilização da anta. De facto, esta deposição parece “bloquear” a passagem através do corredor. Este bloqueio é efectivo se se tiver em conta a presença de um enterramento junto aos vasos.

Entre a referida laje e os esteios do corredor do lado norte foi descoberto um pequeno “pilar” fincado no solo cuja funcionalidade seria a marcação “simbólica” daquele sector do corredor. O seu aspecto esteliforme parece corroborar esta interpretação.

Do ponto de vista construtivo, os esteios do corredor foram inseridos em alvéolos abertos no *bed-rock* e fixados com recurso a cunhas de granito. No lado exterior do corredor foram colocadas pedras de dimensão decimétrica, muito bem imbricadas, envoltas em sedimento areno-siltoso. Esta combinação entre terra e pedra terá permitido criar um contraforte muito sólido, capaz de garantir a coesão da componente megalítica do corredor.

1.2. A mamoa

Apesar de muito destruída, em grande parte devido às alfaias agrícolas, a mamoa da Anta dos Currais do Galhordas conserva ainda um raio de cerca de 6 m (Fig. 3). Uma vez que na sua periferia ela termina de forma abrupta não é de excluir a hipótese desta dimensão ter sido significativamente superior. Esta destruição periférica não permite verificar se a mamoa terá possuído ou não qualquer tipo de estrutura pétreia de delimitação. Por outro lado, a significativa diferença de cota entre a sua superfície actual e o topo dos esteios da câmara funerária – superior a 1,70 m – indica que o *tumulus* foi também alvo de um enorme truncamento em altura.

No que diz respeito à estruturação interna, a mamoa revela uma certa alternância entre sedimento areno-siltoso e blocos de granito. Todavia, na base, estes últimos tendem a perder importância a favor do sedimento. A ocorrência de materiais arqueológicos neste contexto é extremamente pontual.

1.3. Materiais arqueológicos exumados e cronologia

Os materiais arqueológicos exumados incluem, entre outros, seixos talhados de quartzito, um número muito reduzido de produtos de talhe em rocha ou mineral filoniano (a determinar), duas pontas de seta (valor anormalmente baixo no contexto regional), um micrólito geométrico, seis machados de pedra polida em anfíbolito, diversos recipientes cerâmicos inteiros (possivelmente mais de quinze tendo em conta potenciais reconstituições), duas placas de xisto completas, uma lisa e uma decorada com incisões (e vários fragmentos de outras), e três contas de colar (Fig. 4).

Relativamente aos recipientes cerâmicos, todos eles são lisos, apresentam pequenas dimensões e possuem formas típicas dos contextos megalíticos alentejanos (formas globulosas, cilíndricas, carenadas e com colo curto).

A placa decorada parece corresponder a um reaproveitamento de uma outra placa mais antiga, havendo indícios de regravações (BUENO RAMÍREZ 2010). A placa lisa, por seu turno, evidencia uma tênue coloração avermelhada que pode indicar presença de pigmentos (hipótese a confirmar) (BUENO RAMÍREZ *et al.* 2008b).

Os machados de pedra polida têm dimensões entre os 11 e os 18 cm, pelo menos num caso há

levantamentos distais decorrentes de utilização e, de um modo geral, associam-se aos diversos espaços do monumento, nomeadamente ao corredor (BUENO RAMÍREZ *et al.* 2012) e às frestas entre os esteios da câmara.

No que diz respeito à cronologia do monumento, parte do conjunto artefactual – em particular alguns recipientes cerâmicos e as placas de “xisto” – remete a Anta dos Currais do Galhordas para a transição entre o IV e o III milénio cal. BC (ANDRADE 2009; BOAVENTURA e MATALOTO 2013; BUENO RAMÍREZ *et al.* 2006; OLIVEIRA 1997; PARREIRA 1996). Todavia, não se deve excluir a hipótese destes monumentos com corredor terem sido erigidos num período mais recuado (BOAVENTURA e MATALOTO 2013; LARSSON 2000; OLIVEIRA 2006, 2010; ROCHA 2009-10). A realização de datações pelo radiocarbono poderá ajudar, efectivamente, ao esclarecimento desta questão.

Os vasos carenados exumados relacionar-se-ão com utilizações mais tardias da anta, em torno do II milénio cal. BC (OLIVEIRA, 1999-2000; MATALOTO 2007; PONTE *et al.* 2012; BAPTISTA *et al.* 2013), coincidindo, eventualmente, com a fase do seu “encerramento”.

Ainda no âmbito do estudo do material arqueológico, procedeu-se à análise do conteúdo de três recipientes cerâmicos através de cromatografia gasosa com detecção por massa (estudo realizado por César Oliveira do Centro de Química da Universidade do Minho), tendo sido identificadas diversas substâncias orgânicas. Os resultados deste estudo serão divulgados a curto prazo.

2. CONCLUSÕES

A Anta dos Currais do Galhordas é um monumento megalítico de câmara poligonal e corredor longo, encontrando-se este último ligeiramente desviado relativamente ao eixo de simetria da anta. Em todo o caso, o corredor cumpre a normal orientação a leste, tal como acontece na maior parte das antas da região (OLIVEIRA 1997).

Em relação à mamoa (apenas parcialmente escavada), ela parece ser composta essencialmente por blocos de granito embalados num sedimento arenoso, por vezes areno-siltoso, adquirindo, por isso, uma grande compacticidade.

Tendo como referência outros monumentos megalíticos do concelho de Castelo de Vide, pode dizer-se que a Anta dos Currais do Galhordas é pobre em termos de espólio arqueológico, sobretudo no que toca à pedra talhada, nomeadamente às pontas de seta. Os vasos cerâmicos, por sua vez, aparecem em número significativo e demonstram variedade morfo-tipológica. Algumas das formas poderão remeter genericamente para o IV / III milénio cal. BC; outras sugerem reutilizações da anta em fases mais tardias – em torno do II milénio cal. BC.

Por último, refira-se que os trabalhos de escavação irão continuar, tendo em vista, principalmente, a caracterização da mamoa e, posteriormente, o restauro global do monumento.

Agradecimentos

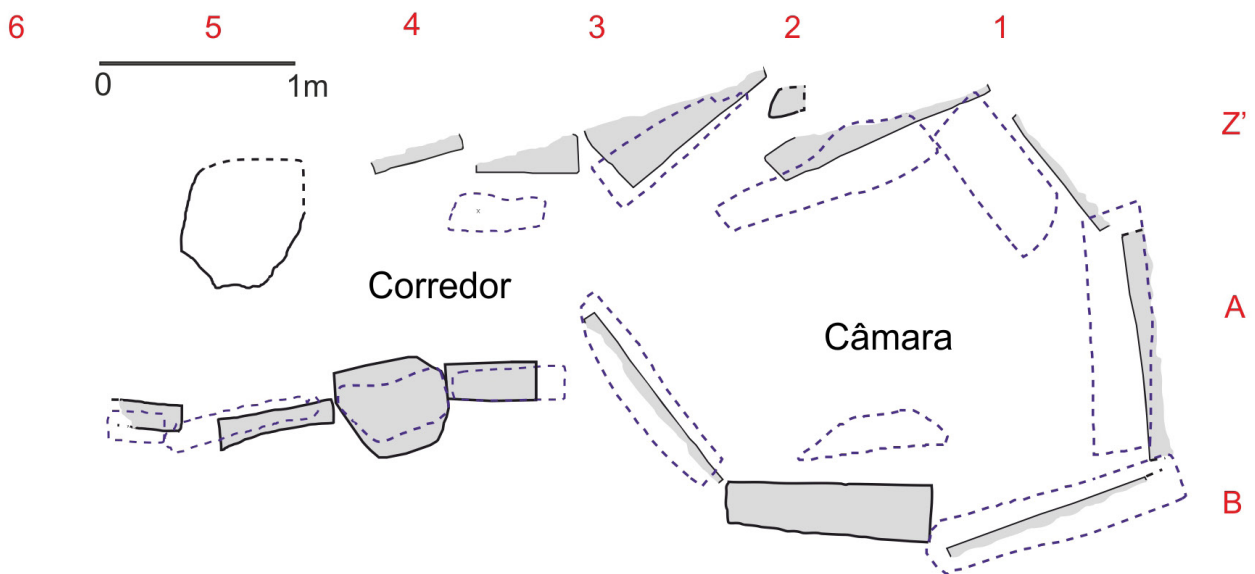
Os trabalhos de escavação e de restauro efectuados na Anta dos Currais do Galhordas, bem como a investigação que deles decorre, são integralmente financiados pela Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Porto, Abril de 2014.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. A. S. (2009), *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo). Definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte Alentejano*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L.; SOARES, A. M.; GOMES, S. (2013), Contributos para a discussão da construção da paisagem nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão (Beringel e Trigaches, Beja) entre IV e I Milénios a.C. In J. Jiménez Ávila, Macarena Bustamante, M. García Cabezas (eds.), *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular* (Villafranca de los Barros, 4-6 de Octubre de 2012), Ayuntamiento de Villafranca de Los Barros, pp. 792-827.
- BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013), Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16, Lisboa, IGESPAR/DGPC, pp. 81-101.
- BUENO RAMÍREZ, P. (2010), Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: las placas decoradas. In C. Cacho, R. Maicas, G. Eduardo, J.A. Martos (eds.), *Los ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Publicação em suporte DVD do Museo Arqueológico Nacional, Ministério de Cultura, Madrid, pp. 39-77.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2008b), Models of Integration of Rock Art and Megalith Builders in the International Tagus. In P. Bueno-Ramirez, R. Barroso-Bermejo, R. Balbín-Berhmann (eds.), *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*, BAR International Series 1765, pp. 5-15.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2010), Megalitos en la cuenca interior del Tajo, *Munibe* (Suplemento) 32, pp. 152-187.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2012), Mégalithes, Statues, gravures et peintures dans le Bassin intérieur du Tage, Espagne. In M. Sohn, J. Vaquer (dir.) *Sépultures Collectives et Mobiliers Funéraires de la Fin du Néolithique en Europe Occidentale*. Toulouse: Archives d'Écologie Préhistorique, pp. 333-358.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R.; CARRERA, F. (2006), *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*, Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2008a), The necropolis of Era de la Laguna, Santiago de Alcántara, Cáceres, in the context of the Megalithism of the Central Region of the International Tagus. In P. Bueno-Ramirez, R. Barroso-Bermejo, R. Balbín-Berhmann (eds.), *Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*, BAR International Series 1765, pp. 41-59.
- LARSSON, L. (2000), Symbols in Stone – Ritual activities and petrified traditions, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. III, Porto, ADECAP, pp. 445-458.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951), *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reedição Uniarq/INIC, 1985).
- MATALOTO, R. (2007), Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, n.º 1, pp. 123-140.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2013), A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Centro Leste de Portugal): Resultados da primeira campanha de escavação, *Estudos do Quaternário*, 9, APEQ, Braga, pp. 57-70. Disponível em <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>.
- OLIVEIRA, J. (1997), *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Edição especial de *Ibn Maruan* – Revista Cultural do Concelho de Marvão, Lisboa.
- OLIVEIRA, J. (1999-2000), A Anta II de São Gens (Nisa), *Ibn Maruán*, 9-10, Marvão, pp. 181-238.
- OLIVEIRA, J. (2000), Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. III, Porto, ADECAP, pp. 429-444.
- OLIVEIRA, J. (2006), *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*, Lisboa, Edições Colibri e Universidade de Évora.
- OLIVEIRA, J. (2010), Neolítico e Megalitismo na Coudelaria de Alter. In V. S. Gonçalves, A. C. Sousa (Eds.) *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e. Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Câmara Municipal de Cascais, pp. 357-397.
- OLIVEIRA, J.; PEREIRA, S.; PARREIRA, J. (2010), *Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*. Edições Colibri e Câmara Municipal de Marvão.
- PARREIRA, R. (1996), *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PONTE, T. R. N. da; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. de F.; FRADE, J. C.; RIBEIRO, I.; RODRIGUES, Z.; SILVA, R. J. C.; VALÉRIO, P. (2012), O Bronze Pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal). Os Hipogeus Funerários, *O Arqueólogo Português*, Série V, 2, pp. 265-295.
- ROCHA L. (2009-2010), As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno, *PROMONTORIA*, Ano 7-8, n.º 7-8, Universidade do Algarve, pp. 45-98.



Em cima: câmara funerária poligonal. Observe-se um dos esteios fracturados (reconstituído graficamente).
Em baixo: planta da anta.

EST. II



1. Corredor e câmara funerária vistos de E. Observe-se o desvio dos esteios do lado direito do corredor (lado norte) e o “estreitamento” do acesso à câmara.



2. Mamoá vista de NW. Observe-se a sua espessura reduzida e a diferença de cota entre a sua superfície e o topo dos esteios da câmara funerária.



Materiais mais significativos exumados na Anta dos Currais do Galhordas.